

Colapso ambiental

As aves prestam importantes serviços ambientais para a manutenção das florestas e de outras formações vegetais. O desaparecimento de determinadas espécies pode ser desastroso, pois uma avifauna menos diversa empobrece de maneira importante os habitats. Foi o que aconteceu nas florestas alagoanas, que se tornaram progressivamente mais secas e menos diversas pela falta de aves e de outros animais dispersores de sementes



Tucano-de-bico preto (*Ramphastos vitellinus*)

Por LUÍS FÁBIO SILVEIRA

A floresta parece imponente, toda verde, com árvores altas, deixando maravilhado até o observador mais desatento. Para conhecê-la mais de perto, você acorda de madrugada e entra na mata antes de o sol despontar. Espera pelo coral de aves anunciando o nascer do dia, mas apenas um discreto Arapaçu canta aqui, outro Papa-Moscas ali, um Papa-Formigas

perto do chão. Você pouco ouve e quando o sol nasce, o canto cessa. A sensação é de incômodo, de que algo está errado, muito errado. Estamos em um dos últimos remanescentes da Mata Atlântica no Estado de Alagoas. O que acontece? Vamos voltar um pouco no tempo para tentar entender.

Aves e florestas

As aves são um componente essencial

para a manutenção das florestas. Espécies como Tucanos e Arapongas atuam de modo fundamental na dispersão de sementes, “plantando-as” em pontos variados, por meio das fezes ou pela regurgitação. As árvores frutíferas frequentemente têm grande porte, o que propicia a formação de ocos. Esses, por sua vez, são usados como ninho ou abrigo por aves e mamíferos. Ao mesmo tempo, diversos tipos e formatos de frutos permitem o consumo por uma grande variedade de animais, resultando em diversas maneiras de dispersão das sementes.

Frutos e diversidade

Como, geralmente, o porte das árvores frutíferas é maior que o das demais árvores, o que mais sobressai na floresta é o dossel (parte mais alta da copa) das fruteiras. Várias espécies dessas árvores são verdadeiras emergentes – algumas alcançam mais de 30 metros de altura –, formando um dossel compacto. A enorme quantidade de frutos que produzem é consumida tanto por aves quanto por mamíferos. Além disso, muitas espécies de árvores frutíferas são polinizadas por aves, como Beija-Flores, ou por insetos.

Uma floresta com muitas espécies de árvores frutíferas dá sinal de existir nela uma importante diversidade de aves e mamíferos. Observamos esse cenário em algumas Unidades de Conservação da Mata Atlântica, como nos Parques Estaduais de Intermontes e de Carlos Botelho, em São Paulo, ou mesmo no Parque Nacional do Itatiaia, do Rio de Janeiro.

O que aconteceu em Alagoas?

Em Alagoas, a estreita faixa original da Mata Atlântica, de 50 quilômetros de largura, era tão rica quanto a de outras áreas similares desse bioma, ou até mais rica. Mas, especialmente na década de 1980, as matas alagoanas foram destruídas



Araponga-de-Barbelas (*Procnias averano*)



Jacu-de-Alagoas (*Penelope superciliaris alagoensis*)

quase que por completo para dar lugar à monocultura de cana-de-açúcar, com a ajuda de incentivos fiscais do Governo Federal para o desenvolvimento do Programa Proálcool. Foi uma verdadeira tragédia. Praticamente toda a floresta de Alagoas foi ao chão. Aves e outros animais foram caçados. A cobertura de Mata Atlântica foi reduzida a cerca de 3% da original, um recorde entre os Estados brasileiros. Em pouquíssimo tempo, todas as pragas clássicas para destruir um ecos-


sistema estiveram juntas: a fragmentação do ambiente, a eliminação de dispersores de sementes e a derrubada das árvores frutíferas para obtenção de madeira.

O efeito em cascata dessa conjunção perdura até hoje e suas consequências são perceptíveis. Com a eliminação dos dispersores, como Jacus, as árvores já não contam com esse recurso para disseminar suas sementes. E as plantas que nascem não crescem, porque naquele local competem por espaço e sol com outras centenas de

“irmãs” e espécies do sub-bosque. A redução da quantidade de animais deixa o solo repleto de frutos, que apodrecem. Passa o tempo, a planta-mãe envelhece e cai. À medida que diminuem os ocos para as aves e os mamíferos usarem, a reprodução fica prejudicada. Quando a morte não ocorre por idade, os animais morrem caçados e as árvores, derrubadas. Com isso, a floresta original vai empobrecendo. Começam a ganhar espaço as plantas com sementes cuja dispersão depende do vento e, aos poucos, elas dominam o ambiente.

Muitas dessas plantas têm dossel pouco compacto, o que permite maior penetração da luz solar no interior da floresta, “secando-a” gradualmente. Aumenta também a luminosidade no chão, o que abre caminho para as gramíneas, as quais eliminam as plantas do sub-bosque. O resultado é uma floresta cada vez mais empobrecida. A comunidade de aves passa a ser dominada por espécies comuns e pouco exigentes, que podem ser encontradas em qualquer lugar. Desaparecem as aves polinizadoras e as de espécies mais raras, que são sensíveis e que indicam a boa qualidade ambiental. Basicamente, é feita a troca de uma pintura de Picasso por uma garrafa de Coca-Cola.

Restauração

O processo de degradação das florestas reflete o quão delicado é o equilíbrio de um ambiente e como podem ser graves as consequências. Foi tão grande a destruição de algumas áreas da Mata Atlântica de Alagoas que nascentes fundamentais para o suprimento de água às pessoas e às usinas de cana estão secando. Com isso, as empresas produtoras de etanol e açúcar são obrigadas a comprar água para suprir as necessidades, a despeito de possuírem reservas de floresta. O que fazer? Para tentar recuperar os processos ecológicos fundamentais, precisamos de um esforço enorme de restauração florestal, envolvendo universidades, sociedade civil, governo e empresários. Não se trata mais de proteger o bicho x ou y, mas, sim, de salvar uma das áreas mais singulares do planeta em termos de biodiversidade e de salvar os próprios seres humanos dos males causados por eles mesmos com seus modos de produção. 

Luis Fábio Silveira é professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, com doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia); curador associado das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; editor-chefe da Revista Brasileira de Ornitologia; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de oito livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos publicados.